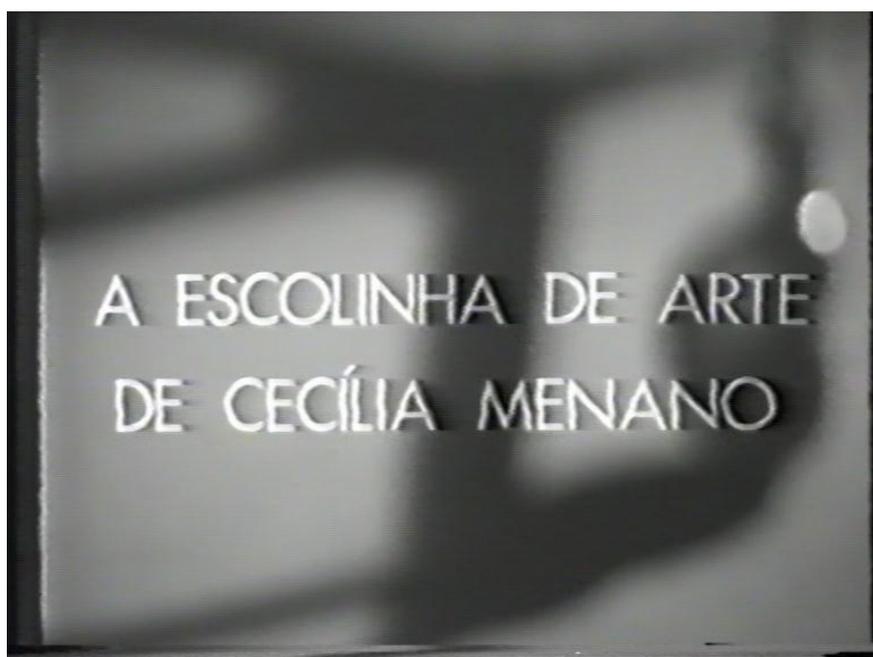


Anexo 2



O documento que se apresenta em seguida é um dos que consideramos mais apelativos neste estudo visto ser possível ‘ver’ Cecília Menano e João dos Santos e a cumplicidade que caracterizou a sua parceria profissional.

O filme foi por nós integralmente transcrito - sem preocupação em corrigir a sintaxe - já que se trata de uma entrevista para a televisão e que as respostas perderiam a sua espontaneidade.

. “Falar educação”

Um programa do Instituto de Tecnologia Educativa

Radio Televisão Portuguesa

(1975)

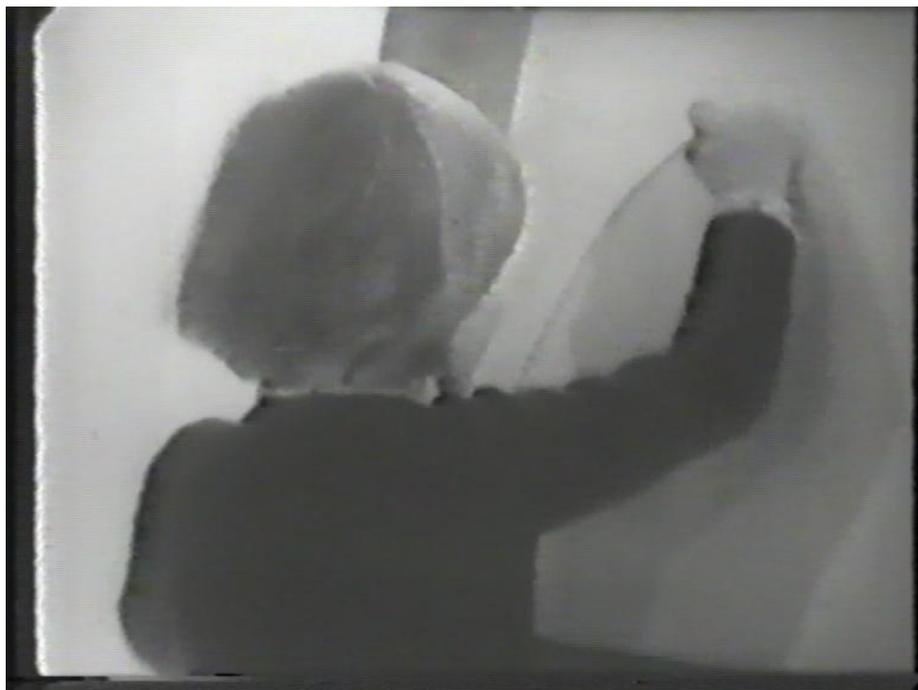
EDUCAÇÃO PELA ARTE

A ESCOLINHA DE ARTE DE CECÍLIA MENANO

M^a Emília Brederode Santos: Actualmente há muitos pais que se queixam que os filhos nas escolas não fazem mais nada senão desenhar. Pois vão à aula de português, e fazem um desenho, vão à aula de matemática e fazem um desenho e até na aula de religião e

moral fazem desenhos. E os pais comentam “Pois, os meus filhos agora não aprendem nada, passam a vida a desenhar, é uma brincadeira, não fazem nada”. Vamos perguntar ao Dr. João dos Santos a sua opinião sobre este assunto até porque ele já escreveu algures que “ensinar a escrever antes de permitir que a criança experimente desenhar e pintar é tão absurdo como ensinar a ler, antes que saiba falar”. Parece-me, portanto, que independentemente de julgar sobre se na escola se faz uso e abuso do desenho ou não, ele terá uma opinião diferente desta de considerar o desenho como uma brincadeira sem consequências. Podia-nos dizer um pouco sobre isso, falar um pouco sobre esse assunto?

Dr. João dos Santos: Pois, eu acho que o desenho tem muitas consequências, não só do ponto de vista da escrita tradicional, da escrita, enfim, da nossa cultura, como também numa projecção que a criança ou que a pessoa faz sobre aquilo que produz. Portanto, há uma necessidade em todos nós de descarregar afecto, de descarregar emoção sobre alguma coisa, e esse descarregar, nem sempre se pode fazer sobre o meio físico, ou sobre as pessoas; é extremamente saudável e eficaz que a criança o possa fazer sobre uma produção artística, ou do tipo artístico, uma vez que é discutível se há uma arte infantil ou não. Por outro lado, a expressão artística ou a expressão gráfico - pictural tem uma grande importância na aquisição dos símbolos, uma vez que toda a escrita é simbólica, e portanto que há uma necessidade de uma aprendizagem básica desses símbolos, do desenvolvimento desses símbolos. Portanto há a introdução do desenho e da pintura no ensino, para que haja um desenvolvimento mais largo, mais aberto, que permita à criança não só progredir do ponto de vista das matérias convencionais da escola, mas também na expansão da sua própria personalidade.



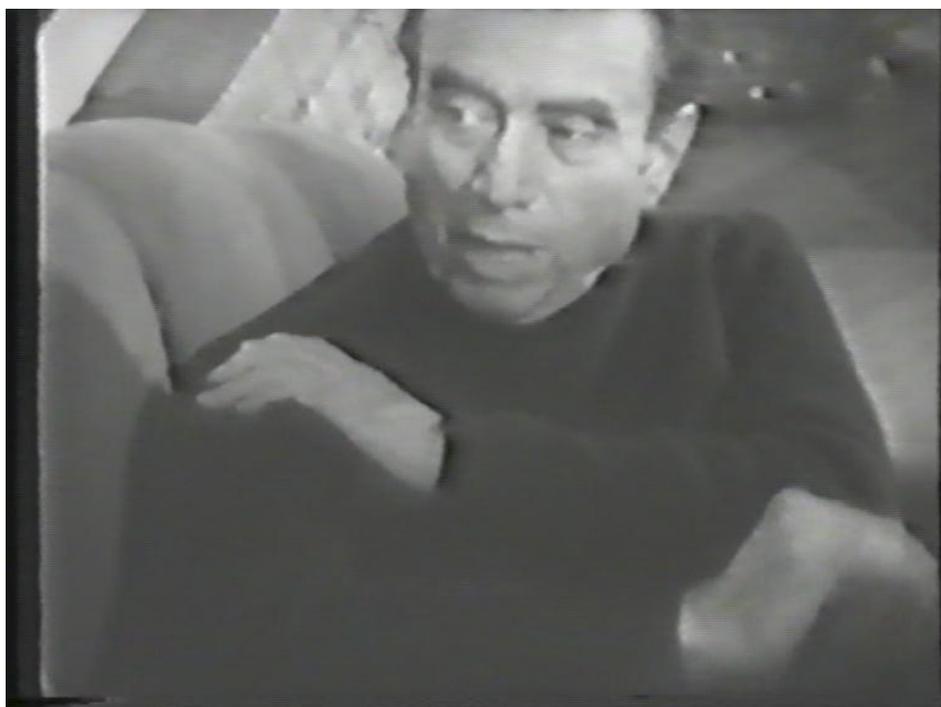
M.E.B.S.: E do ponto de vista motor, em relação também à actividade da escrita, o Dr. João dos Santos vê alguma vantagem?

J.S.: Pois perante o método tradicional, na escola tradicional também, que é o método de pôr as crianças em cima de uma secretária a escreverem como se fossem adultos... A criança tem que seguir uma determinada evolução para ser capaz de ter uma postura adequada à escrita; ela encontra-a espontaneamente, é preciso é que se lhe dêem as condições para isso, mas ela tem que a procurar também, tem que ser uma pesquisa da criança. Aliás a Cecília Menano (aponta para Cecília Menano) mostrou aqui outro dia como é que as crianças começam a desenhar ou pintar quando vêm para aqui, aos 3 ou 4 anos, e elas têm mesas, têm cavaletes, e no entanto vão para o chão, deitam-se no chão, e põem-se de lado a desenhar ou a pintar, mas sobretudo a desenhar.

M.E.B.S.: Mas eu hoje fiquei admirada, não sei se reparou, mas os miudinhos mais pequeninos foram justamente aqueles que se sentaram à secretária a desenhar, enquanto eu estava à espera que efectivamente eles se deitassem no chão, ou desenhassem em pé...

J.S.: Pois mas aqueles que viu hoje são crianças que já estão aqui há bastante tempo, todas elas, ao passo que aquele que no outro dia se deitou no chão, era a primeira vez que aqui

vinha, e portanto ele teve necessidade, digamos, de libertar mais o seu braço, ao passo que nós, adultos, escrevemos com os dedos, com os dedos em pinça e com o apoio nesta parte da mão (exemplifica com as próprias mãos), fazendo a mão uma espécie de compasso, a criança pequena começa por gesticular para escrever, como base, como ponto de apoio, na articulação do ombro, depois mais tarde um pouco também na articulação do cotovelo e só mais tarde ainda é que ela é capaz, portanto, de estar a uma mesa, sentada sobre a mesa para escrever. De forma que naturalmente para movimentar todo o braço é preferível estar no chão, deitada sobre a direita, por exemplo, se for direita, e escrever com a esquerda; ou então, estar sobre uma superfície vertical do que estar sobre a mesa, que não dá tanto jeito, enfim, porque há os outros movimentos que não são aqueles que são mais fáceis para a criança. (exemplifica o gesto)



Esta pesquisa é extremamente importante para que a criança a partir do movimento que ela faz para escrever, digamos, a partir do ombro, como ponto de apoio no ombro, acaba por encontrar a forma que nós todos encontramos, mas não é possível o que não é possível realmente é pôr a criança a escrever logo como se fosse um adulto, não é, direitinha e a escrever com apoio na mão.

M.E.B.S.: Será portanto inútil, de certa maneira, insistir com as crianças para que se ponham muito direitas, para escreverem direitas e não sei quê. Seria melhor deixá-las naturalmente encontrar a sua posição?

J.S.: Sim, isso é perfeitamente inútil, aliás isso foi demonstrado já há uns 30 anos, por psicólogos americanos que fizeram filmagens de classes onde estavam crianças que eram obrigadas a estar direitinhas logo no primeiro dia de aulas, e outras que eram deixadas à vontade, e o que se provava, o que se mostrava nesses estudos cinematográficos é que ao fim de um certo número de meses, ou de anos talvez, talvez do 2º ano, a criança tomava a posição, uma e outra, tomavam a posição correcta, sem a necessidade daquele esforço, portanto, de uma forma mais natural e menos fatigante.

(VIZUALIZAÇÃO DE CRIANÇAS A DESENHAR LIVREMENTE E CECÍLIA MENANO A TROCAR COM ELAS IMPRESSÕES SOBRE OS DESENHOS)



M.E.B.S.: Tentando sintetizar um pouco aquilo que disse em relação à criança mais pequena, haveria interesse do desenho e de toda a expressão plástica, interesse do ponto de vista intelectual, como desenvolvimento da função simbólica, interesse do ponto de vista afectivo, interesse do ponto de vista motor, como preparação para as aprendizagens da leitura e da escrita, não é? Mas uma pessoa pode-se perguntar se, portanto, para a criança mais velha, a expressão plástica deixa de ter qualquer interesse, uma vez que eles já dominaram essas aprendizagens escolares básicas.

J.S.: Bom, não tem o interesse da aprendizagem do gesto, e da aprendizagem do traço, e da aprendizagem elementar da pintura, mas continua a ter o interesse da projecção, da possibilidade da projecção, que a pessoa se faz sobre aquilo que produz. E como a criança crescida e o adolescente, têm uma grande necessidade de expandir aquilo que têm dentro de si, os seus problemas, os seus sentimentos, as suas emoções, os seus afectos, a pintura, e o desenho também, mas talvez mais a pintura aí, e outras actividades plásticas, são extremamente saudáveis nesse campo, porque o adolescente, sobretudo em relação aos adultos, é em regra fechado, tem que ser realmente, porque são dois mundos diferentes, um deles e o dos adultos, que não se compreendem mutuamente, mas apesar de tudo ele tem a necessidade de exprimir os seus problemas, e exprimindo de uma forma, digamos, artística, isso, muitas vezes, alivia muitas tensões internas, como nós sabemos, enfim, da psicoterapia de crianças e adolescentes, quando há problemas emocionais que exigem um tratamento especial.



M.E.B.S.: Estamos na Escolinha de Arte de Cecília Menano, em Lisboa, e sabemos que isto já existe há um certo tempo, gostávamos de saber justamente desde quando é que começou a fazer este tipo de trabalho, como é que descobriu esta forma de educação pela arte, se tem ligações internacionais, como é que é?

Cecília Menano: A Escola propriamente começou há cerca de 27 anos, embora eu tenha começado a trabalhar com crianças há mais tempo, há 30, 33, mas a Escola propriamente começou há 27. O movimento existe no mundo inteiro, não sou só eu, e existe também em Portugal. Talvez o Dr. João possa...

J.S.: Em todo o caso a Cecília, eu acho que encontrou esta forma de educação por si própria. Pelo menos, é a ideia que eu tenho...

C.M.: Sim, é a certeza!

J.S.: É a certeza (risos)... E como é que isso foi?



C.M.: Bom, isso aconteceu porque eu tinha feito a frequência do curso João de Deus, onde se faziam cópias, as crianças copiavam os desenhos que os professores faziam, portanto já convencidos por adultos, e quando eu estava a trabalhar com as crianças nas classes infantis, verifiquei que as crianças trabalhavam livremente no chão, na areia, na terra, nos quadros negros, desenhos livres. E foi rápido, digamos, foram as crianças

que me ensinaram que não era assim, que não se ensinava, porque era livre. A partir daí fiz o que as crianças queriam, na verdade.

(IMAGENS DE CRIANÇAS A DESENHAR E PINTAR EM CAVALETES, CECÍLIA MENANO A CONVERSAR COM ELAS SOBRE UM DOS TRABALHOS)

(MEBS ENTREVISTA ALGUNS ALUNOS DO ATELIER)

J.S.: Uma das coisas que me parece fundamental no seu ensino é a integração da linguagem falada, também, quer dizer, do diálogo e da história que se conta e da história que se inventa e da história em que se participa, da história que é jogada, interpretada e representada nestas actividades plásticas, e em particular na pintura e no desenho de relação. Não sei se é assim mas foi uma coisa que me impressionou, impressionou-me muito, isso...



C.M.: Acho que é uma constante. As crianças seja qual for a idade que tenham, a não ser em momentos duma enorme concentração, precisam sempre de verbalizar não só o desenho que estão a fazer, como que se fosse uma segunda forma de comunicar. Desenham e falam também, quer dizer, há uma conversa e uma comunicação que mais tarde dá até para ajudar a fazer uma integração de grupo. A criança é livre a desenhar e

não está calada. Portanto, é evidente que não tem castigos, é evidente que não tem prémios, que não tem metas; isso será, digamos, um estímulo grande. A criança tem uma grande liberdade de comunicação.

J.S.: Isso parece-me extremamente importante, na medida em que o que eu observo é que, tanto na educação através da arte como na ludoterapia, e mesmo noutras psicoterapias, em que são introduzidos materiais para produções plásticas, que essa capacidade de falar e ao mesmo tempo de exprimir por qualquer outra forma, alivia muitas tensões internas e permite apesar de tudo uma comunicação muito maior com os outros.

(VISUALIZAÇÃO DE UMA CRIANÇA A FALAR ENQUANTO DESENHA”)



J.S.: Uma coisa também que a Cecília me ensinou e que me parece muito importante é que os materiais plásticos...

C.M.: Eu não costumo ensinar...

J.S.: (...) Ah pois, eu também não sou pelo ensino, eu acho que as pessoas aprendem, mesmo sem se estar a ensinar...

C.M.: E isso ensinou-me a mim...

J.S.: Pois (risos)...

C.M.: E para não ser um jogo de piropos, diga lá o resto...

J.S.: Mas realmente acho que é muito importante aquilo que a Cecília verificou e observou e disse, que os materiais serviam pela sua qualidade mas serviam sobretudo para que a criança pudesse comunicar com outros, não é, com outras crianças, com outras pessoas, que os materiais plásticos eram instrumentos de comunicação. E portanto, aí isso também nos coloca num ponto de vista que em a pedagogia tem com certeza muita importância, que é o ponto de vista de que realmente não se comunica só através da linguagem falada, mas através de toda a expressão corporal, não só aquela que fica só no espaço, mas aquela que é gravada ou pintada sobre uma superfície.

(VISUALIZAÇÃO DE ALGUNS TRABALHOS NO ATELIER)



Bem, eu já me perdi um pouco no tempo, acerca da altura em que nós começamos a trabalhar conjuntamente na investigação destes problemas, a Cecília recorda-se?

C.M.: Em 1951

J.S.: 51. Nessa altura fizemos várias investigações acerca da possibilidade de expansão, dos limites da expansão da criança no traço e na pintura.

C.M.: Bom, o que aconteceu nessa altura, eu lembro-me que utilizava um papel pequeno para que as crianças fizessem um desenho e pintura, de umas dimensões ao nível de um caderno escolar, e as crianças saíam, como ainda hoje saem se lhes derem o mesmo papel, da esquadria do papel. A criança era tão livre que com 3 ou 4 anos, a criança fazia a garatuja, o rabisco, não é, e depois começava a fazer a forma e deixava de ver a esquadria do desenho, saía para fora do que estava convencionado como papel para aquela criança e para aquele tipo de trabalho. E foi assim que se verificou que a criança precisaria de um papel maior, e não só precisava de um papel maior como adquiria a forma muito mais rapidamente. (virando-se para J.S.) Lembra-se que foi assim?

J.S.: Foi.



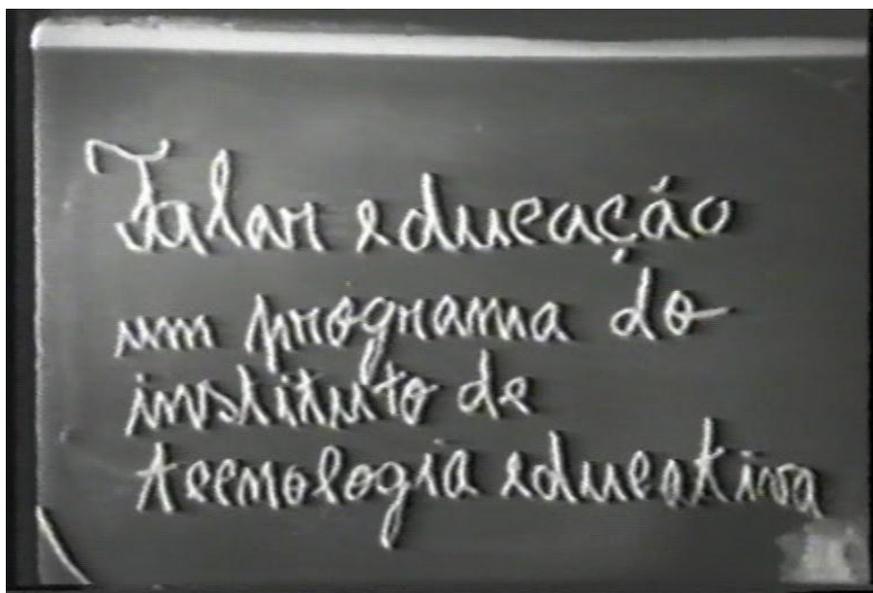
C.M.: Portanto, a criança levava 3 meses a chegar à forma, livremente, e num papel pequeno essa criança levava 9 a 10 meses a atingir a forma. Era tudo uma questão de espaço. E como uma criança desenha através de muitas técnicas e de muitos materiais e utiliza muitas formas de expressão, na expressão plástica, como fica gravado, acontece

que pode ser lido, por exemplo, uma criança portuguesa está a desenhar, um francês lê o desenho que ela desenhou e vice-versa; é uma linguagem que fica de facto gravada.

J.S.: E depois pode ser arquivada também...

C.M.: Pois pode.

J.S.: Pode ser guardada, coleccionada, arquivada, o que é extremamente importante também do ponto de vista educativo, uma vez que todo o conhecimento, toda a cultura humana é feita na base de coisas que são guardadas.



COORDENAÇÃO E APRESENTAÇÃO

Maria Emília Brederode Santos

COLABORAÇÃO DE

Cecília Menano

João dos Santos – REALIZAÇÃO - Instituto de Tecnologia Educativa